



ROSINEIDE DOS SANTOS OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

MACAPÁ
2017

ROSINEIDE DOS SANTOS OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Macapá – FAMA, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Bruno Pimenta

MACAPÁ
2017

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Macapá – FAMA, como
requisito parcial para a obtenção do título de
graduado em Curso de Licenciatura em
Educação Física.

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

OLIVEIRA, Rosineide dos Santos. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2017. 44. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física – Faculdade de Macapá – FAMA, Macapá/AP, 2017.

RESUMO

O tema discutido nesse trabalho tem como escopo debater toda a contribuição que a Educação Física tem trazido na prática pedagógica. O educador físico tem a capacidade de atuar no processo de ensino e aprendizagem com seus alunos, e desse modo, utilizando-se de métodos educativos, trabalhar as demais áreas de conhecimentos com eles em suas aulas. A Educação Física na escola portanto, nada mais é que um instrumento de desenvolvimento do cidadão, onde trabalhará na evolução das capacidades motoras por meio das várias maneiras metodológicas de ensino que forem adotadas pelo educador, e ainda, a mesma servirá como um espaço educativo para os educandos, para promover a maneira de se relacionarem uns com os outros, promover ainda sua autoconfiança e autoestima, onde deverão compreender que cada ser é capaz de uma determinada função dentro de suas limitações pessoais.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Professor; Aluno; Prática Pedagógica.

OLIVEIRA, Rosineide dos Santos. **SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: THE IMPORTANCE OF THE TEACHER IN THE AULAS OF PHYSICAL EDUCATION.** 2017. 44. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física – Faculdade de Macapá – FAMA, Macapá/AP, 2017.

ABSTRACT

The theme discussed in this paper is about discussing all the contribution that Physical Education has brought in pedagogical practice. The physical educator has the capacity to act in the process of teaching and learning with his students, and thus, using educational methods, work the other areas of knowledge with them in their classes. Therefore, physical education in the school is nothing more than an instrument of citizen's development, where it will work on the evolution of motor skills through the various methodological ways of teaching that are adopted by the educator, and will serve as an educational space for the students, to promote the way to relate to each other, to promote their self-confidence and self-esteem, where they must understand that each being is capable of a certain function within their personal limitations.

Key-words: Physical school education; Teacher; Student; Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL	08
1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	08
1.2 REPÚBLICA VELHA E ESTADO NOVO.....	11
1.3 REGIME MILITAR.....	15
1.4 A CRISE DE IDENTIDADE DA DÉCADE DE 1980	18
2 A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	22
2.1 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS SABERES	23
3 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA IMPORTÂNCIA	29
3.1 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM O ALUNO	31
3.2 O BRINCAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	32
3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM A CORPOREIDADE.....	33
3.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO DISCIPLINA	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O tema discutido nesse trabalho tem como escopo debater toda a contribuição que a Educação Física tem trazido na prática pedagógica. O educador físico tem a capacidade de atuar no processo de ensino e aprendizagem com seus alunos, e desse modo, utilizando-se de métodos educativos, trabalhar as demais áreas de conhecimentos com eles em suas aulas.

Portanto, a Educação Física possui como escopo trabalhar auxiliando a formação do homem, onde toda sua essência se baseia na necessidade que o homem possui de reproduzir-se e assim formar novas gerações, onde todo seu conhecimento lhe serão transmitidos, assim como sua cultura, valores, crenças e muitos outros, dando assim a essas novas gerações várias possibilidades de novas realizações.

Para melhor entender tal assunto de uma maneira mais crítica e assim compreender a importância do profissional de Educação Física na escola geralmente são utilizadas ferramentas para auxiliar tal processo de aprendizagem dos alunos os fazendo atingirem sua capacidade, e uma dessas maneiras de reflexão é a própria prática.

O professor tem como papel principal criar meios para que seus alunos venham se tornar independentes, participativos nas aulas e que possuam total autonomia, tanto de ação quanto de pensamento, e isso se dará por meio de suas propostas. Sendo assim, a Educação Física deverá ser inteiramente comprometida com a formação de seus alunos, tendo completa relevância em todo o processo educativo.

O que nos leva ao seguinte embate, qual seria o objetivo da Educação Escolar e, portanto, do professor de Educação Física?

Célio José Borges afirma que o professor é um profissional totalmente capaz de tomar decisões racionais, criativas e humanas em função de seu cargo como educador, para que assim seu principal propósito seja a capacidade de ensinar seus alunos e assim lhes transmitir conhecimento. Afirma ainda o mesmo que “o ato de ensinar é um processo complexo influenciado por um campo de forças, das quais, parcialmente os professores estão conscientes e podem controlar. “

Destarte, a Educação Física exerce um papel deveras importante dentro do âmbito escolar, pois é dessa maneira que a habilidade da criança de movimentar-se e de interagir consigo e com o ambiente que a cerca é desenvolvido, assim a

educação física desempenha o formidável papel de instrui e auxiliar seus alunos dentro de seus limites de crescimento e desenvolvimento, sem lhes impor. Entretanto, trata-se de um processo sucessivo e demorado, pois as características individuais de cada criança, sua maturação e experiências vivenciadas irão influir no seu processo de desenvolvimento.

O presente trabalho teve como problemática o embate de que maneira poderá o professor de educação física atuar dentro do âmbito escolar trazendo a importância deste no desenvolvimento motor e psicomotor de seus educandos e qual seria a melhor forma de transferir seu ensinamento para estes?

Considerando o problema, o objetivo geral foi averiguar a importância da Educação Física no âmbito escolar, possibilitando uma análise acerca de como acontece as aulas dentro da escola, sendo os objetivos secundários discutir os principais papéis da Educação Física no processo de aprendizagem dos alunos; inquirir como se dá as aulas de Educação Física na escola e abordar o importante papel da Educação Física como matéria multidisciplinar da grade escolar.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa do tipo Bibliográfico tendo como fontes primárias de análise pesquisas que forem publicadas sobre: a importância da educação física na escola. A pesquisa irá abranger qualquer bibliografia já lançada com o tema de estudo, tendo como objetivo conduzir o pesquisador em contato direto com o que for escrito sobre o determinado assunto (MARCONI E LAKATOS, 2005, p. 190). Será utilizado o método dialético a fim de argumentar e contra argumentar sobre o tema, estabelecendo e discorrendo acerca dos conceitos e as problemáticas aqui apresentadas. Será empregado a pesquisa qualitativa, onde buscará entender o tema aprofundadamente, oferecendo descrições, compreensões e a análise das informações, dos fatos e das ocorrências.

1 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL

No Brasil a data mais antiga que se tem notícia acerca da Educação Física em terras brasileiras foi no ano de 1500, o ano da sua descoberta. Em uma de suas cartas Pedro Vaz de Caminha relata os indígenas dançando, saltando, girando e se alegrando ao som que um português reproduzia por meio de uma gaita, sem dúvida esta foi a primeira aula de ginástica e recreação que fora relatada no Brasil.

No decorrer dos anos a Educação Física foi tomando forma e mudando influenciada pelos diferentes governos e nas mudanças que ocorriam na sociedade. No que diz respeito ao contexto escolar fazendo uma análise histórica, facilmente é constatado que a educação física está presente desde o início da proclamação da República. Com base nisto o presente capítulo irá abordar as principais mudanças que ocorreram na Educação Física escolar desde o Brasil Império até os dias atuais.

1.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Desde o período do Brasil império a Educação Física aparece na história da educação brasileira. Infelizmente em razão da escassez de relatos oficiais e bibliografias pertinentes da época os fatos referentes a inclusão dessa matéria no contexto escolar são bens obscuras, sendo poucos os historiadores que comentam acerca do tema.

Segundo Inezil Penna Marinho (1971), que predominantemente é a base das pesquisas da história da educação física escolar, o interesse pela criação de propostas pedagógicas para uma reformulação da educação começaram a ser debatidas a partir da proclamação da independência. Entretanto, as pessoas da área religiosa era quem comandavam a pedagogia de uma forma restrita, onde não existia uma área para os educadores e menos ainda para a educação física. Dessa maneira os interesses de quem ministrava e dirigiam os diversos modelos de processo educacional na época eram quem ditavam para atender somente a seus interesses.

Ao ser analisada a história da Educação Física pode se perceber que grandes foram as mudanças ao longo dos anos desde sua origem, tanto nas tendências pedagógicas que norteiam todo processo educativo, como em relação aos conteúdos desenvolvidos nos diferentes níveis de ensino.

Acerca desse tema aduz Darido:

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século, e todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física (DARIDO. 2003, p. 1).

A história da Educação Física no Brasil em muitos aspectos acaba por ser confundida com as instituições médicas e militares em vários momentos. Essas instituições, por um bom tempo, acabaram por definir e delimitar o campo de conhecimento dessa área.

Durante quase que todos os anos do período em que o Brasil foi império português a Educação Física foi afastada e negligenciada no ambiente escolar civil, sendo desenvolvida apenas, de forma exclusiva, nas instituições militares, onde era entendida, de forma errônea, como um sinônimo de ginástica e treinamento militar, sendo completamente descaracterizada de seus benefícios pedagógicos.

Durante esse período de Brasil império existiam alguns pontos contraditórios no que diz respeito a gradativa implantação da Educação Física no Brasil. O primeiro ponto controverso seria de que naquela época ainda existia um preconceito muito grande relativo às atividades físicas, sendo estas relacionadas ao trabalho escravo (PAIVA, 2004). Outro aspecto importante seria de que nas propostas das ginásticas europeias, de onde era embasada a Educação Física brasileira, era dado ênfase aos exercícios praticados e voltados para as mulheres, segundo Soares (1994) para aqueles mais conservadores da sociedade brasileira, tais princípios ginásticos voltado apenas para o público feminino era considerado imoral.

Soares (1994) aduz que no período brasileiro de transição entre o final do império e período republicano, dominava no país a ideia de que o mesmo necessitava se amoldar ao modelo de sociedade proveniente dos ideais europeus, devendo este ser utilizado como modelo urbano, industrial e comercial.

Outro aspecto importante na história da Educação Física no Brasil é que esta acabava por estar incutida na população como forma de demarcação de gêneros sexuais, cada indivíduo deveria desenvolver atividades segundo seu gênero. Para as meninas deveriam ser atividades suaves e femininas, tendo em vista sua natureza mais frágil, por ser futuras mães de família e responsáveis pelas gerações futuras. Já

as atividades físicas dos meninos deveriam ser militarizadas, viris, responsável pelo desenvolvimento de sua agilidade, competitividade, disciplina e obediência.

A reforma Couto Ferraz outorgada em 1851 foi o grande marco histórico responsável por determinar o início da educação física escolar no Brasil. A partir dessa reforma nas escolas do município da Corte seria obrigatório o ensino da Educação Física como disciplina escolar (BETTI, 1991). Portanto, a partir desse ano, com a entrada em vigor da reforma Couto Ferraz, a Educação Física foi oficialmente incluída na escola, tal reforma possui como objetivo uma série de medidas que iriam melhorar o ensino. Após três anos da reforma, no ano de 1854, a ginástica também se tornou uma disciplina obrigatória nas series primárias e a dança no secundário.

A partir de então a Educação Física passou a assumir seu caráter higienista. O estado, por intermédio da ginastica, passou a desenvolver ações sociais na sociedade, que acreditavam que iriam ser responsáveis por uma construção anatômica e assim pudessem representar a classe dominante, a raça branca, atribuindo assim a sua superioridade.

Dominando a educação física o pensamento higienista fora marcado por hábitos de saúde e higiene, que tinham como proposito valorizar o desenvolvimento física e da moral por meio do exercício físico (PEREIRA, 2006)

Valorizando suas ações políticas sob a lógica das ações médicas com base na sua vertente higienista, o Estado passa a condicionar a Educação Física, saúde, educação escolar e toda a sociedade. Com base nisso assim assevera Soares:

Quanto à Educação Física, particularmente a escolar, privilegia em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX (SOARES, 1994, p. 71).

Com o início do século XX a Educação Física passou a ser discutida não apenas sob o prisma da prevenção da saúde pública, mas também como uma maneira de eugenizar o povo brasileiro e melhorá-los. Essa época fora marcada por inúmeros artigos médicos exaltando a prática da Educação Física tendo em vista a eugenia e a regeneração da raça brasileira. Os médicos brasileiros daquela época dividiam “[...] a população entre ‘doentes e sãos’, ou melhor, entre ‘regeneráveis e não regeneráveis’,

impondo a estes dois grupos medidas absolutamente diversas”. (SCHWARCZ, 1993, p.232). Portanto, a Educação física era aplicada como uma das medidas para a população que era considerada regenerável. SCHWARCZ (1993) aduz ainda que para aquela parte da população considerada como não regenerável, alguns dos médicos sugeriam que fosse feita a esterilização da população e outros ainda acreditavam que iria ocorrer o seu desaparecimento por meio da seleção natural.

Ainda na Era Imperial no Brasil, nos anos de 1876, 1880 e 1882, foram elaborados e estabelecidos decretos e reformas que auxiliaram a consolidar a Educação Física como uma disciplina escolar obrigatória e para que fosse efetivamente ensinada, sendo que era motivada pelos princípios da filosofia mens sana in corpore sano, ou seja, a mente sã em corpo sã, que elevava a busca pelo ser humano pleno e perfeito (MARINHO, 1971).

Com base em Soares (1994) o surgimento, tanto dos Congressos Brasileiros de Higiene, quanto dos Congressos Brasileiros de Eugenia a partir da década de 1920 foram de extrema relevância para a formação profissional da área da Educação Física. No quinto “Congresso Brasileiro de Hygiene”, realizado em Recife-PE, no ano de 1929, algumas discussões importantes sobre a Educação Física e a formação de professores foram realizadas. Uma das principais conclusões desse congresso a que merece destaque é a de que a Educação Física deveria ser colocada a serviço da educação sanitária e que também era indispensável a criação de “[...] institutos de Educação Physica, destinados ao preparo de instrutores e técnicos. [...]. Os profissionais ligados à Educação Física seriam os arautos da saúde, vendedores de força e beleza, robustez e vigor”. (SOARES, 1994, p.141). Portanto, os profissionais da Educação Física seriam os embaixadores da saúde, vendedores de força e beleza, robustez e vigor”. Nesse mesmo congresso restou estabelecido que era da máxima urgência que o Governo da República organizasse escolas superiores de Educação Física para o preparo dos professores.

1.2 REPÚBLICA VELHA E ESTADO NOVO

Com as mudanças e reformas no âmbito educacional começaram a ser constatadas no início do século XX. Na década de 30 a educação brasileira começou a sofrer revoluções de maneiras significativas que foram fomentadas pelas

Revoluções de 1930 e 1932, pela publicação da nova Constituição Federal de 1934 e ainda pelo fim da República Velha e início do período conhecido como Estado Novo.

“A década de trinta do século XX é crucial na institucionalização da Educação Física no Brasil” (PAIVA, 2004, p.53). O modelo de governo de Getúlio Vargas tinha a clara proposta de fortalecer a indústria interna e o nacionalismo, portanto, era fundamental que fosse implantado um sistema educacional que viesse a suprir as necessidades dessa ideologia. Dentro desse contexto a higienização dos liberais foi tomando cada vez mais um formato eugenista sob a influência dos governos facistas e nazista, que abara por fortalecer e evidenciar o aspecto de que deveria haver uma melhora das raças e das gerações. “Era como raça que a nação era entendida. Por meio dela se explicavam sucessos políticos, fracassos econômicos ou hierarquias sociais assentadas”. (SCHWARCZ, 1993, p.235).

Germano (1994) acredita que a asserção do fascismo e do nazismo, na década de 1930, em algumas regiões da Europa, repercutiu consideravelmente sobre a cúpula militar brasileira, que a partir de então se mostrava amplamente favorável ao modelo político direitista e autoritário.

No governo Getúlio, em função de seu ideal e objetivos econômicos foi iniciada uma nova estruturação do ensino superior no Brasil que fosse mais consistente. Na data de 14 de novembro de 1931 Ministério de Educação e Saúde Pública e, sucessivamente, foram instituídos o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Estatuto das Universidades Brasileiras. Entretanto, o estatuto se mostrava restritivo à autonomia político-ideológica do ensino superior no Brasil, tentando estabelecer uma única concepção de estudo para as universidades, uma que fosse contrária as divergências e a pluralidade.

O ano 1937, no período da era Vargas, foi estabelecido como uma data referência para a mudança no desenvolvimento da Educação Física. Foi nessa condição que a Educação Física veio a sofrer grandes transformações que foram essenciais para sua consolidação dentro das instituições de ensino em toda a nação.

A partir daí surge o chamado militarismo, onde um dos objetivos da escola passa a ser a formação de pessoas capazes de suportar o combate para atuar na guerra. Com essa concepção de ideal começa uma busca incansável por indivíduos considerados fisicamente “perfeitos”, onde aqueles que eram considerados imperfeitos se tornavam excluídos da prática. Tais medidas eram tomadas com base

nos argumentos de que fosse feita a maior maximização da força e o poderio da população.

Durante esse período eram fortes a dependência das outras áreas de conhecimento para que fosse possível definir o conceito de Educação Física, entretanto, esta não era concreta e nem suficiente. Após essas transformações que foi possível que a Educação Física começasse a ser tratada de uma forma mais individualizada como uma área específica e relacionada com as demais áreas da educação formal. Corroborando este fato, Marinho (1971) afirma que a criação da Divisão de Educação Física era subordinada ao Departamento Nacional de Educação, que foi o primeiro órgão do governo destinado de forma exclusiva a administração da Educação Física no âmbito nacional.

Castellani Filho (2004) afirma ser de fácil percepção a ideia de vigora nesse novo modelo de Educação Física com base na Constituição Federal em vigor naquele momento, que seria a de 10 de novembro de 1937, a qual tinha como finalidade promover a disciplina e a moral, além do adestramento físico dos indivíduos visando prepará-los para que viessem a cumprir seus deveres para com a economia e a nação.

Nesse período a Educação Física era militarista e possuía como principal função responder as necessidades históricas do país, onde as necessidades do povo brasileiro se modificariam ao longo do tempo. Até aquele momento a disciplina era vista de um ponto de vista essencialmente prático. Assim assevera Silva apud Moura (2007):

(...) a cultura é vista como sistema de significação que dita normas em relação ao corpo (...) e as atividades corporais (esportivas, recreativas, escolares e artísticas) não são tidas como neutras, elas expressam os interesses de uma determinada organização social (SILVA apud MOURA, 2007, p. 3).

Sob essa visão, o professor de Educação Física deveria preocupar-se apenas com a forma e nunca com a função, era importante apenas que o mestre tivesse uma excelente forma muscular, devendo ser hábil no manejo de certos aparelhos e ter muita agilidade com saltos acrobáticos.

“Os profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas eram os instrutores formados pelas instituições militares” (SOARES et. al, 1992, p.53). A Educação Física não tinha um caráter definido, por essa razão era entendida como uma atividade exclusivamente prática.

No Brasil os primeiros profissionais de Educação Física eram formados nas escolas da Marinha e do Exército, por essa razão tinha o caráter militar. Era utilizado nessas instituições oficialmente o método Alemão para as atividades esportivas. No decorrer do tempo o método francês acabou por substituí-lo.

Nesse contexto a Educação Física tinha seus limites definidos e influenciados pelos militares e pelos médicos que “auto se proclamavam a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira” (CASTELLANI FILHO, 2004, p.39).

A época do governo de Vargas foi um marco para a determinação e afirmação da Educação Física e do ponto de vista para a formação de professores. Essa concepção enfatizava os princípios defendidos pelos higienista e eugenista, o que dava a eles uma característica racional e disciplinar.

Em decorrência dos acontecimentos internacionais da época, durante a década de 1930 até o ano de 1945 o nacionalismo brasileiro tinha “colorações” fascista. “A partir dessa data, renascem as idéias liberais, que passam a constituir o pano de fundo do nacionalismo que evolui num crescendo”. (SAVIANI, 1976, p.178). Afirma ainda o autor que a partir do ano de 1945 o liberalismo voltou a ser ideologia responsável por unificar as forças em torno dos interesses nacionais para que se tornasse possível estabelecer internamente no país um modelo forte de indústria.

Após o fim da segunda grande guerra na década de 40, surge a Escola Nova, um movimento proveniente da Europa e Estados Unidos entre os séculos XIX e XX. Esta surgiu como resultado de uma nova visão dos adultos em relação as crianças, que deveriam receber mais atenção em razão das mesmas serem vistas como adultos em miniatura. Com base nessa nova visão do ensino a escola deveria sofrer mudanças consideráveis em sua postura. Portanto, esta deixaria de destruir e excluir e passaria a prolongar a infância das crianças, explorando suas particularidades, características próprias, estimulando sua curiosidade e as despertando para a experimentação.

O filósofo e pedagogo John Dewey foi um dos mais influentes dessa teoria na América, o mesmo possuía um discurso pela defesa da democracia tendo como base a participação e a vida comunitária na defesa da quebra de barreiras de raça, classe e nacionalidade, para que fosse possível uma boa convivência social. Ele afirmava que era difícil de se cogitar uma relação democrática e capitalista de maneira

amistosa. Com pensamentos socialistas Dewey acreditava que algumas carências apresentadas pelo capitalismo poderiam ser solucionadas por meio da democracia.

Segundo o pedagogo norte-americano a prática pedagógica deve se basear na liberdade do aluno, para que o mesmo possa elaborar pensamentos próprios, suas certezas e seus conhecimentos. Portanto, caberia ao professor se atentar para que o desenvolvimento dos conteúdos trabalhados fossem sob a forma de problemas a serem resolvidos, estimulando os alunos e jamais dando respostas ou soluções prontas.

É de relevância citar que no início da década de 1960 ocorreu a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 4024/618, que, em seu artigo 229, tornou obrigatória a Educação Física, no ensino primário e médio.

1.3 REGIME MILITAR

Durante muitos anos a Educação Física esteve centrada em fundamentos e preceitos militares e medico-higienistas. Entretanto, esse quadro foi mudando a partir dos primeiros anos após o fim da segunda Guerra Mundial.

Mais uma vez seguindo a tendência mundial o Brasil sofreu grandes mudanças sociais, culturais, econômicas, e principalmente na política. Essas mudanças acabaram por levar o país ao grande golpe de estado sofrido no ano de 1964 que acabou por conduzir o país a instauração de um governo pelo regime militar que iria durar até o ano de 1985.

Ne período a Educação Física e o ensino como um todo veio a ser suprimida, buscando atender apenas os interesses dos militares e a sua forma de governo. Nesse momento a sociedade brasileira se via num contraste de interesses pessoais que era reflexo da Guerra Fria que acontecia, responsável por dividir o mundo tendo como aspectos seus sistemas político-econômicos, trazendo à tona dois sistemas totalmente contrários, os capitalistas norte-americanos e os soviéticos socialistas, que acabavam por se digladiar numa guerra visando uma hegemonia política e a supremacia mundial. (BETTI, 1991). Com o crescente desenvolvimento do esporte no Brasil a escola passou a ser um terreno fértil de inclusão do esporte por meio de projetos educacionais.

Com a chegada da década de 50 esta ficou conhecida como apelo ao desenvolvimento econômico do país. Esse período marcou também a expansão no âmbito escolar brasileiro do tecnicismo. Esse novo modelo de concepção da educação mostra um caráter totalmente capitalista, com uma visão limitada e funcional da empresa-educação. Assim assevera Castellani Filho (2004):

É um enfoque cujo tratamento e prescrições encontram-se sempre na linha da economia da educação: não se cuida de Homens, mas de força de trabalho, não se trata da construção de Homens historicamente determinados, mas da elaboração de um fator de produção necessário (CASTELLANI FILHO, 2004, p. 106).

Esse momento ficou marcado pela idealização da teoria do capital humano. Nesse momento encontravam-se em pleno desenvolvimento a educação e a Educação Física. Por essa razão nas aulas de Educação Físicas eram empregadas práticas que serviriam para a preparação da mão-de-obra, pois este seria um investimento que acabaria por trazer e produzir lucros sociais e individuais.

Sendo assim, a Educação Física vem a torna uma pratica esportiva apenas, em razão de fatores como a valorização do esporte que começava a aparecer e para o desenvolvimento tecnicista que era voltado para o mercado de trabalho. Esse período ainda se marcou pela falta de críticas e reflexões teórico-pedagógicas no âmbito escolar, sendo esta considerada uma matéria não curricular, presente nos currículos escolares apenas como uma forma de atividade e não matéria educacional. Em razão dessa visão a escola tinha apenas o papel de prolongar a instituição desportiva, assumindo em conjunto com a Educação Física os códigos do esporte e do rendimento, sendo portando o esporte na escola e não o esporte da escola.

As instituições escolares a partir de então utilizando os princípios esportivos começaram a reger a pedagogia da Educação Física escola, a partir de então aspectos como rendimento, competição, comparação de resultados, regulamentação rígida, sucesso como sinônimo de vitória no esporte, racionalização de meios e técnicas começaram a ser dadas como prioridade. A escola nesse momento veio a sucumbir com discussões em relação a valores que eram assentados na coletividade, sendo incapaz de criar o esporte da escola. Escolas e clubes esportivos assumiram papéis parecidos nesse sentindo, “adotando uma condição indiferenciada de professor/treinador e aluno/atleta (...)” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 172).

Essa visão da Educação Física não ficou restrita apenas ao campo escolar, a mesma também se espalhou nas instituições de ensino superior e de formação profissional. Com a chegada da década de 60 as grades curriculares desses cursos passaram a privilegiar em sua carga horarias as disciplinas e modalidades esportivas, destacando o esporte por sua lógica de treinamento esportivo.

Nesse período de 1960 no Brasil se torna acentuada a contradição entre o modelo econômico e a ideologia política vigente na época. Tal fato é explicado em razão de que o modelo econômico exigia cada vez mais entrada de capital e de empresas estrangeiras no Brasil, enquanto que a ideologia política defendia o crescimento interno do país por meio do fortalecimento das indústrias brasileiras.

Saviani (1976) afirma que a alternativa era moldar a ideologia política ao modelo econômico ou vice-versa. O Golpe Militar de 1964 resolveu a contradição de forma a ajustar a ideologia política aos interesses do modelo econômico. Tal modelo apoiava a entrada do capital e das empresas estrangeiras no Brasil.

A legislação educacional brasileira foi feita a partir de 1964, com base nos interesses de um modelo econômico que fosse voltado para a entrada do capital e das indústrias estrangeiras no Brasil. A inspiração liberal que embasava a Lei 4.024/61 foi substituída pela tendência tecnicista das Leis 5.540/68 e 5.692/71.

Para muitos países o esporte era nada mais que uma forma de enaltecer o nacionalismo e por ser um fenômeno cultural acaba por atingir a sociedade como um todo ajudando a unificar o povo. Castellani Filho (1994) afirma que o esporte, no Brasil, além de exaltar o nacionalismo também atuava na função de meio de distração das perturbações sociais que aconteciam na época, tanto para o povo brasileiro quanto para o mundo pois, o governo enxergava que naquele momento era de vital importância fingir uma certa estabilidade, que estava longe de existir no país.

No final das décadas de 60 e 70 foram surgindo vários programas de incentivo ao esporte, que eram desenvolvidos sob ponto de vista do Estado ditatorial. Importante lembrar do programa intitulado pelo governo de “Esporte para Todos” (EPT), presente na Lei n.º 6.251/75. Esse programa acabava por transmitir o ideário de “desporto comunitário”, entretanto seus objetivos eram aumentar ainda mais as desigualdades sociais já muito presente na sociedade, sendo ele um instrumento de reprodução cultural, que tornava os indivíduos e a comunidade dependentes, ou seja,

era um instrumento de ideologia a serviço do Estado ditatorial (DANTAS JÚNIOR, 2008).

Guiraldelli Jr. (2003) em sua obra intitulada Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira, afirma que nas décadas de 1960 e 1970, a Educação Física escolar se tornou um meio para o treinamento de desportos representativos. Uma das finalidades desse novo rumo dado a Educação Física era o treinamento e a preparação de futuros atletas, que fossem capazes de conquistar méritos e medalhas olímpicas para o Brasil. A Educação Física era voltada ao esporte de rendimento, principal objetivo da disciplina naquela época, que acabou por tornar-se uma nova concepção que refletia o modo de produção industrial na Educação Física. Tudo é feito com base na técnica e na ciência; “o esporte de rendimento faz parte da imensa paisagem construída pelos homens da sociedade industrial” (SANTIN, 1996 p.35).

1.4 A CRISE DE IDENTIDADE DA DÉCADA DE 1980

O período que vai de 1974 a 1985 ficou conhecido como um período de “crise de legitimidade” do Regime Militar. Foi nessas circunstâncias que surgiram os chamados Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND). Os mais básicos apelos dos Planos Nacionais de Desenvolvimento eram os de propiciar uma distribuição melhor de renda e uma participação econômica e política das classes trabalhadoras na “vida do País”. “Nesse contexto histórico-social, a política educacional sofrera também uma mudança de forma. Assim, o ‘tecnicismo’, o ‘produtivismo’ e a despolitização da educação transformam-se no seu inverso, no âmbito do discurso oficial”. (GERMANO, 1994).

Na Educação Física no início da década de 80, segundo Castellani filho (2004), houve a abertura para congressos de professores e alunos, que objetivava discutir a matéria como uma área de conhecimento que viria amparar a formação de indivíduos que fossem conscientes e inteirados dos problemas da sociedade brasileira.

Esse período foi de extrema importância para a Educação Física, pois apresentou para uma profunda crise de personalidade, onde aconteceram muitas alterações importantes, como a chegada dos movimentos chamados de “renovadores”.

Dentre esses movimentos dois merecem destaque: o movimento da “Psicomotricidade” e o “Humanista”. Este primeiro destaca-se pelo início de mudanças de hábitos, sentimentos e ideias, por meio da prática de exercícios e movimentos. Esta é considerada uma teoria geral do movimento, que possibilita utilizá-lo como uma maneira de formação, aforando o estímulo para o desenvolvimento motor do indivíduo, especialmente sua estrutura do esquema corporal e suas aptidões motoras. Destarte, a instrumentalização do movimento humano como uma maneira de formação e a secundarização da passagem de conhecimentos, que é uma das funções básicas do processo educativo no âmbito escolar.

O segundo movimento renovador ficou conhecido como “humanista”, e foi caracterizado pela forte existência de princípios filosóficos em volta do ser humano, de sua individualidade, de seus valores, tendo como fundamento as inclinações do homem, que surgiu como uma forma de crítica as correntes oriundas da psicologia comportamentalista. Nesse ponto de vista o importante não é mais o produto, o resultado, mas sim todo o método de ensino (não-diretivo). Apesar disso, a educação integral do aluno foi fonte de preocupação, observando o conteúdo como uma maneira de promoção de relações interpessoais.

Paiva (2004, p.54) garante que “os anos 70 e 80 caracterizam novo encaminhamento para a área, com a implantação da pós-graduação e/ ou com ‘a crise’ da educação física”. Já para Daólio (2003), a Educação Física, até a década de 1970, esteve presa por padrões cientificistas e ao modo positivista de fazer ciência.

Segundo Daólio (1998), a Educação Física sofreu uma grande pressão por parte dos profissionais da área, já nos fins da década de 70, que tinham como objetivo que fosse feita uma reflexão e reformulação estrutural da mesma. Essas mudanças acabaram por não ser apenas provocadas, mas apenas se insinuaram, ocorrendo de maneira evidente somente a partir do início da década de 80. Abundantes foram as razões que trouxeram a esses fatos, destacando-se a busca dos profissionais por especializações e o progresso de eventos e publicações voltadas para a área de Educação Física, como aponta o mesmo autor:

Além dos brasileiros doutorados no exterior, colaboraram para o surgimento de novas idéias, reflexões e propostas metodológicas na Educação Física brasileira a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em outras áreas, sobretudo das ciências humanas, o aumento do número de publicações especializadas e a realização de vários congressos, encontros, seminários e cursos na área (DAÓLIO, 1998, p.44).

Segundo Betti (1991), o fator sócio-político voltou a ser essencial para que a Educação Física sofresse uma nova revolução. No mundo a guerra fria estava começando a se desintegrar, evidenciando a supremacia dos capitalistas que eram liderados pelos norte-americanos. O Brasil então começava a passar por seu processo de redemocratização, saindo do longo período em que os militares permaneceram no poder até o ano de 1985, consolidando o fim do regime militar pela eleição de um presidente civil.

Os primeiros elementos de uma crítica a função sócio-política conservadora que a Educação Física escolar precisava oferecer foram apontadas na década de 80. Esse movimento de crítica objetivava um real sentido pedagógico para a disciplina, apanhando processos que levassem a mesma a atuar na formação do ser humano de maneira integral, mudando seu cunho restrito de educação do físico (SOARES et. al, 1992).

Em meados da década de 1980, algumas instituições de ensino superior que eram voltadas para habilitação de profissionais em Educação Física “implementaram novas propostas curriculares, procurando formar o aluno numa perspectiva mais ampla”. (DARIDO, 2003, p.28). Essa reestruturação aconteceu como objetivo para fugir de modelos da formação de professores em Educação Física que disseminassem em suas práticas pedagógicas uma visão totalmente esportiva, competitiva, individualista e sem qualquer fundamento teórico.

Mesmo com esses novos debates que ocorreram a partir do ano de 1980 na Educação Física brasileira, “a prática docente permaneceu fortemente ancorada no paradigma da aptidão física e esportiva”. (PAIVA, 2004, p.73). Por esse motivo vários foram as abordagens pedagógicas que foram surgindo como maneira de promover a Educação Física na escola, alguma delas seriam a psicomotricidade, a desenvolvimentista, a construtivista, a crítico-superadora, a crítico-emancipatória e a saúde renovada (DARIDO & SANCHES NETO, 2005).

Foi com base necessidade para se criar uma real, razoável e apropriada estruturação, que fez com que essa área viesse a sofrer essa ponderação sobre sua limitação, sua intencionalidade, suas funções e seus objetivos e, principalmente, qual seria o seu verdadeiro papel social e educacional. (DAÓLIO, 1998; BETTI, 1991).

Destarte, após a “crise de legitimidade” do regime militar e de seus princípios “eminentemente técnicos” de comandar o país, a Educação Física no Brasil começou a sofrer um processo de reflexão histórica e conceitual.

Resta evidente ao ser analisado esses movimentos e métodos, que a Educação Física atualmente necessita produzir um saber mais conceitual e estruturado por parte da escola e não que seja uma mera reprodução de gestos desportivos sem que haja um entendimento do porquê se faz e para que se faz tais gestos. Essa nova geração de profissionais da área da Educação Física busca transmitir aos alunos não apenas a importância da competição, que como resultado venham a ganhar ou no perder, muito mais que isso, busca trabalhar a conscientização corporal, por meio da cultura corporal e do movimento, tanto de maneira prática como também teórica, mostrando o significado dos movimentos produzidos.

A partir de então inicia-se uma nova forma de ensinar a Educação Física, não rejeitando seu passado histórico, mas buscando de um planejamento entre instituição, comunidade, professores e alunos, de maneira conjunta na busca de objetivos comuns.

Sob esse prisma de ensino, o profissional da Educação Física deve compreender que seu conteúdo de ensino não deve ser limitado a apenas a jogos e modalidades esportivas, mas também deve haver espaço para a ginástica, danças, lutas, artes cênicas, brincadeiras e jogos populares. As aulas práticas devem ser antecedidas de aulas teóricas, onde serão complementadas com as atividades de sala de aula, como pesquisas, palestras, debates, filmes, entre outros (MATTA, 2001).

2 A PRÁTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A fora do professor de Educação Física, sua importância e significado, independem de sua pessoa, tendo em vista que a escola nada mais é que uma instituição social, e seu papel depende do trabalho coletivo dos vários sujeitos que atuam nela, em todos os seus setores, realizando parcerias entre os mesmos, a comunidade e a família que está inserida.

O professor possui um papel essencial não apenas na compreensão da cultura corporal, como ainda no desenvolvimento intelectual, afetivo, psicossocial e físico de seus alunos, que acabam ainda por auxiliar o professor no processo de ensino dos vários conteúdos que serão transmitidos aos alunos e ministrados em sala de aula.

Não há dúvidas de que a prática docente do professor de Educação Física encontra ênfase no esporte, nas habilidades motoras e capacidades físicas de seus alunos, como é desenvolvida por alguns profissionais, entretanto tal proposta deve ser repensada, pois estes não podem ser os únicos focos para a formação do aluno, se faz necessário ainda visar sua atuação na sociedade. Por exemplo, não basta que o aluno aprenda toda a técnica do esporte, mas ainda que o mesmo compreenda suas regras, respeite o colega, caso esteja jogando com ele ou contra ele.

Dessa forma afirma Betti e Zuliani (2002), que o professor de Educação Física por meio de sua prática docente possa:

[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando para usufruir do jogo, do esporte, das atividades e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física em benefício da qualidade de vida. (BETTI, ZULIANI 2002, p. 75)

É imprescindível que o profissional tenha essa compreensão, para que assim possa “quebrar” velhos paradigmas sobre a disciplina no currículo escolar, onde por meio dos conhecimentos teóricos e a experiência dos profissionais e de sua vida pessoal possa levar o aluno a entender o motivo para praticar os conteúdos citados anteriormente na escola, e assim venha a entender seu significado e usá-los em seu cotidiano.

O professor de Educação Física possui a sua disposição vários saberes que podem e devem ser usados em sua prática pedagógica com seus alunos através do

lúdico, das brincadeiras, jogos, dança, ginásticas e outros. Dessa forma, proporcionando a seus alunos um despertar para a importância da afetividade, do respeito ao próximo, as regras e ainda as normas, instigando o desenvolvimento do senso crítico do aluno, permitindo uma maior compreensão do mundo em que estão e como devem estabelecer suas relações com o outro.

É por meio de leituras bibliográficas, estudos teóricos e contínuos e ainda através das experiências profissionais que o professor de Educação Física se desenvolve profissionalmente. Tardif ao falar acerca do trabalho do docente, chama esse processo de “[...] trajetória pré-profissional ou fontes pessoais (experiências escolares, familiares dos professores)” (TARDIF. 2002, p.70), que são os saberes adquiridos desde o momento de sua socialização em família, ou ainda no contexto social mais amplo. Essa percepção também pode ser utilizada com o profissional que após graduar-se e prestar concurso público o mesmo se torne docente e lotado em uma escola, dando continuidade ao processo de constituição da docência por meio da interação com seus alunos, com seus colegas de trabalho, participação em cursos de qualificação e em eventos educacionais e etc. meios esses que o profissional vem a aprender a lidar com as várias situações que lhe é imposta em seu cotidiano pedagógico.

Por meio do exercício da docência se apresentam várias transformações que podem ser bastantes significativa na vida profissional do professor. Huberman afirma que “O desenvolvimento da carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, beco sem saída, momento de arranque, descontinuidades” (HUBERMAN. 2000, p.38). Com isso o desenvolvimento da carreira de professor vem a passar por muitas transformações, que nem sempre serão positivas, e que não acontecem da mesma forma pra todos. Por vezes o profissional vem a encontrar dificuldades que possam impedi-lo de realizar sua pratica pedagógica de maneira diferenciada, o que faz com que muitos professores venham a se estagnar em suas carreiras. Em outros casos pode ocorrer do mesmo sentir-se mais motivado em seu trabalho, podendo leva-lo ao crescimento profissional.

2.1 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS SABERES

O saber é amplo e pode ser produzido por diferentes contextos sociais, culturais e históricos nas relações sociais entre os indivíduos e está em transformação constante na sociedade, e são os educadores e pesquisadores quem são responsáveis pela sua transmissão e produção.

O saber que interessa no presente estudo são os saberes que são incorporados pelo professor de Educação Física em sua prática docente. Desde o ano de 1980 é discutido no Brasil, por meio de congressos e encontros, qual o real objeto de estudo da Educação Física, sobretudo se discutem acerca da prática da Educação Física na escola, onde surgem críticas sobre como acontece o ensino da matéria, sob o ponto de vista técnico e esportivo, dificultando a definição clara do seu saber e sua especificidade. (GARIGLIO, 2006).

Vários autores convergem acerca do que seria o saber específico da Educação Física que pode ser desenvolvido em sala de aula, que é denominado por estes como cultura corporal de movimento, através do jogo, esporte, dança, luta, e a ginástica (SOARES, 1992).

Essa denominação se deu por razão cultural. Historicamente ela foi produzida pelos homens e determinada por cada momento histórico. Galvão et al (2005) afirma que a cultura é um composto de códigos e símbolos produzidos pelos indivíduos em um certo momento histórico. Ao longo da história humana ocorreram várias transformações através da relação do homem com outros homens e com a natureza, para que assim viesse a se aperfeiçoar em suas atividades corporais como pesca, caça e outras, e passasse a melhorar suas fragilidades físicas. A esse respeito assevera Soares et al que [...] o homem, simultaneamente ao movimento histórico da construção de sua corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos e através do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo (SOARES. 1992, p.39).

Por meio dessas mudanças foram incorporadas produções significativas no conteúdo da disciplina, como um saber específico através do corpo e do movimento, podendo ser através da dança, de jogos, de gestos, entre outros, para que assim as características intrínsecas de cada cultura sejam apresentadas de forma plena.

Além desses saberes específicos da área, outros ainda podem ser utilizados pelo professor em sua prática pedagógica. Para o Autor Tardif o saber do professor é diferente e diverso, ou como ele denomina “[...] plural, compósito, heterogêneo,

porque envolve no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos provenientes de fontes variadas, e provavelmente de natureza diferentes.” (TARDIF 2002 p. 18). Destarte, os saberes dos professores de Educação Física têm como origem seu trabalho no dia a dia, pois esse saber social do docente recebe influências de vários outros saberes que acabam por interligarem-se e assim fazem parte da constituição do professor como profissional. Tardif (2002) aduz acerca de onde vem os saberes:

[...] alguns deles provém da família dos professores, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm de universidade e escolas normais; outros estão ligados a instituição programas, regras, princípios pedagógicos; outros provêm dos pares, dos cursos de formação. (Tardif. 2002, p.19)

O que vale dizer que esses saberes dos professores de Educação Física são misturados com saberes provenientes de outros lugares. Para Tardif eles são “[...] essencialmente heterogêneos” (2002, p. 54). Essa pluralidade de diferentes saberes é essencial para a evolução da prática pedagógica de todos os professores e ainda os de Educação Física, que podem dispor deles e usá-los em seu dia a dia na escola como forma de ajudar a compreender a prática docente de uma dimensão social e tendo como base a formação humana. O autor entende que os saberes são “[...] oriundos da formação profissional, e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002, p.36).

Os saberes jurídicos também se diferenciam e formam um conjunto de conhecimentos unificados em uma única disciplina ou concepção de ensino, eles são ecléticos. Portanto, os professores em sua prática raramente usam uma única teoria cotidiana em sala de aula. Normalmente os professores se baseiam em várias teorias, mesmo estas sendo contraditórias entre si, isso varia levando-se em conta o momento em que cada professor se encontra.

Tal fato é facilmente observado na prática pedagógica de alguns professores de Educação Física quando eles vêm a utilizar várias metodologias diferentes ao mesmo tempo, para assim trabalhar vários conteúdos. Conforme o docente adquire experiência as maneiras e estratégias que ele utiliza para ensinar acabam se transformando, pois há a possibilidade de ser modificada e adequada em suas aulas,

Gariglio (2006) ao falar acerca do saber do professor afirma:

[...] a esses professores não basta dominar nem conhecer profundamente os saberes de referência de sua disciplina curricular para dar conta das múltiplas e contraditórias contingências do ambiente de ensino na escola, e que os conhecimentos disciplinares proposicionais, constituem falsa representação dos saberes docentes e a respeito de sua prática, porque não dão conta das sincrecias que envolvem a forma, como conhecem, pensam e agem os professores em situações de ensino. (Gariglio 2006, p. 250)

Essas ideias do Autor se contrapõe as ideias defendidas por Tardif quando afirma que os saberes dos professores não se baseiam em torno de apenas uma disciplina ou concepção de ensino. Segundo Tardif (2002) os saberes docentes são constituídos por:

- 1 – Saber pessoal do docente: desenvolvido ao longo de sua vida, pela convivência da família, da cultura, do ambiente vivido, de seus valores entre outros.
- 2- Saberes anteriores de sua formação escolar: adquiridos durante os estudos escolares e voltados para a constituição da docência, sem a especialização como: palestras e eventos, entre outros.
- 3- Saber oriundo da formação profissional, ou seja, disciplinares: consiste em saberes desenvolvidos na formação inicial - (graduação) e continuada - (pós-graduação). (TARDIF 2002 p. 36-39)

O autor caracteriza essa variedade de saberes como um “sincretismo”, ou seja, não existe uma ordem teórica para os saberes, como ainda o professor se apropria de todos os pontos de vista que entra em contato ao longo de sua vida pessoal e profissional. Para Tardif (2002) sincretismo significa:

[...] relação entre os saberes e o trabalho docente não pode ser pensada segundo o modelo aplicacionista da racionalidade técnica utilizado nas maneiras de conceber a formação dos profissionais e no qual os saberes antecedem a prática, formando uma espécie de repertório de conhecimentos prévios que são, em seguida, aplicação na ação (TARDIF, 2002, p.65)

Na prática do ensino esses saberes não são utilizados como uma regra única para que seja possível entender problemas e situações que ocorrem no dia a dia da sala de aula, mas que podem ter seus próprios entendimentos para que assim possa vir a resolver os imprevistos que aparecerem. Outra semelhança nos estudos de Gariglio e Tardif ao afirmarem que o saber provém de fontes mais variadas, como a formação inicial e continua dos professores, das suas relações com os indivíduos da sociedade. Gariglio (2006) afirma acerca dos professores:

[...] mesmo reconhecendo a importância de se compreender e dominar os conteúdos disciplinares, consideram que só esse conhecimento não é suficiente para dar conta da difícil tarefa de ensinar. [...] acabam incorporando outros saberes e conhecimentos às suas práticas. (GARIGLIO, 2006, p.258)

Diante disso, os outros saberes além dos saberes disciplinares permeiam a vida dos professores e acabam por oferecerem subsídios para que possam realizar seu ensino na escola. Tardif (2002) afirma que os saberes dos professores têm pouco a ver, ou até mesmo quase nada, com os saberes que são adquiridos na universidade, ou ainda com os saberes que resultam de pesquisas realizadas na área da educação. Em seu estudo o Autor afirma que tais relatos indicam aqueles saberes que são mais utilizados podem ser os saberes do dia a dia nos diferentes momentos do processo de ensino e aprendizagem. Os professores se utilizam dos saberes que são apropriados e incorporados, os saberes que são difíceis de separar das pessoas, de sua experiência. O autor afirma que:

[...]. Os saberes relativos a formação profissional dos professores (ciências da educação e ideologias pedagógicas) dependem, por sua vez, da universidade e de seu corpo de formadores, bem como do Estado e de seu corpo de agentes de decisão e de execução. (TARDIF 2002, p. 41)

Os saberes científicos são transmitidos ao professor, por meio de sua formação o docente pode tirar proveito desses saberes para entender, instigar e ainda encontrar soluções que possam resolver os impasses que serão encontrados na vida pedagógica. Gariglio (2006) fala que os professores:

[...] reconheceram a importância dos saberes codificados aprendidos no ambiente acadêmico, nas publicações da sua área de conhecimento ou da própria educação, e demonstraram estabelecer com esses conhecimentos uma relação de crítica e distanciamento. (GARIGLIO, 2006, p. 260)

Esses resultados podem ser refletidos acerca da necessidade de se conhecer os demais saberes que são desenvolvidos pelos professores de Educação Física em seu cotidiano na escola, por acreditam que o saber do docente, principalmente nos primeiros anos de sua formação, é essencial para que se entendam acerca de certos saberes na prática docente, mas que ainda não são suficientes para movê-los a

encontrar soluções aos problemas que acontecem no cotidiano e que despertem reflexão e crítica.

3 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A SUA IMPORTÂNCIA

Para se entender de uma maneira mais crítica acerca da importância da Educação Física escolar, se busca normalmente meios que possam ajudar no processo de aprendizagem, um deles seria a reflexão de sua própria prática pedagógica. Muitos dos professores que atuam na área da Educação Física não tem tempo e muito menos interesse para refletir sobre o seu real papel que possuem na sociedade. O que é comum é o grande número de profissionais da área que se dizem entender a função essencial da profissão de ser um professor de Educação Física, mas que não possuem argumentos para convencer seus alunos da importância dela.

O que ocorre é que o profissional da Educação Física está acomodado, fazendo um papel que muitas vezes ele desconhece, e esperando por alguém que possa protegê-lo.

De repente, é preciso cuidar do corpo. É preciso tirar o excesso de gordura. É preciso melhorar a “performance” sexual. É preciso melhorar o visual. É preciso competir. É preciso, acima de tudo, vencer. Vencer no esporte e vencer na vida. Mas acontece que nunca perguntamos a nós mesmos o que é **realmente** vencer na vida. Dentro deste panorama, a Educação Física se desenvolve e se prolifera em nosso país. E hoje, mais do que em nenhuma outra época, ela vem atendendo a toda essa demanda da sociedade de consumo. Desta forma, são os seus profissionais orientados a preencher este enorme campo que se abre; um campo de trabalho sem precedentes na história da Educação Física nacional, e que já ultrapassa em muito o âmbito escolar a que basicamente se restringia o licenciado tempos atrás. Formado o profissional – ou mesmo antes de completar seu curso – vai como professor ou técnico em busca de mercado. E, encontrando o seu lugar, procura desempenhar fielmente a função técnica que dele se cobra. Procura dar exatamente aquilo que se pede a ele. Este é um traço do perfil generalizado do profissional da Educação Física no Brasil. E é por meio deste tipo de relação que, segundo me parece, podemos analisar parte da falência desta disciplina como proposta de real valor: aquela Educação Física entendida como disciplina que se utiliza do corpo, através de seus movimentos, para desenvolver um processo educativo que contribua para o crescimento de todas as dimensões humanas. É nesse sentido que entendemos que a crise que costuma atingir quase todos os setores da sociedade que clamam por desenvolvimento, parece não estar perturbando muito a Educação Física. Ela vem cumprindo de maneira mais ou menos eficiente, disciplinada e comportada a função que a ela foi destinada na sociedade (Medina, 1987, p. 24).

A partir dos saberes que são adquiridas no processo de formação e ainda no exercício da profissão, além das discussões com os colegas da área educacional, resta evidente que a Educação Física não é ensinada de maneira clara, com objetivos e práticas que sejam bem estruturadas. Apesar de cumprir seu papel, acaba deixando

de lado a organização, que se trata de fator indispensável para traçar as estratégias e objetivos de uma forma cada vez mais clara.

Em razão da grande quantidade de informações que são acumuladas na disciplina, acabam surgindo vários objetivos para a prática docente, que importam a desenvolvimento motor, a saúde, a performance, etc., mas estes são objetivos que variam de professor para professor e instituições de ensino. O maior problema está em diferenciar o momento histórico que a sociedade se encontra. O processo de ensino encontra-se intimamente ligado ao momento histórico e as necessidades sociais que as pessoas estão passando, a esse respeito afirma Freire (1996):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador [...] No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar (FREIRE, 1996 p. 41-44).

A contribuição da Educação Física na sociedade atual pode ser vista de maneira bem simplista, os momentos históricos influenciaram algumas práticas desse período, porém não podem ser identificados tamanha a sua complexidade, talvez seja por essa razão que é tão difícil identificar o que está acontecendo nos tempos atuais e quais fatos vieram ou não a contribuir nas mudanças que ocorreram. Um exemplo desse fato é quanto a Grécia Antiga é conhecida como o período de maior ênfase na prática de atividades físicas e a Idade Média ficou conhecida como o período em que houve a maior decadência das atividades físicas (RAMOS, 1982).

Destarte, existem vários objetivos que servem para justificar a presença da Educação Física na escola, mas dentre eles qual seria o objetivo mais necessário para o quadro atual de docentes? É necessário compreender que o papel da Educação Física na escola nos dias de hoje é apresentar reflexões sobre o assunto que ajudem na elaboração de novas proposta pedagógicas para a disciplina.

No processo de sua formação o professor de Educação Física adquire conhecimentos de maneira generalizada, que são humanísticos e críticos. Esses conhecimentos irão ajuda-los para que tenham uma atuação profissional fundamentada nos padrões do rigor científico. Sob esse prisma o profissional da Educação Física ao longo da sua formação acaba por adquirir conhecimentos que

sejam buscados nas raízes epistemológicas das várias correntes que compõem a cultura do movimento. Através dos diversos níveis de expressão e rendimento a Educação Física escolar e os esportes desenvolvem um senso crítico com relação ao seu campo de atuação.

O profissional da Educação Física deve orientar suas atitudes e princípios éticos, tendo como objetivo aplicar seu conhecimento teórico e prático de uma forma que possa contribuir com a sua evolução profissional. O professor deve operar na busca de melhorias na qualidade de vida e saúde da população, de uma forma dinâmica para que se entenda os desafios do mercado de trabalho. O profissional da Educação Física deve ser capaz de exibir uma postura que seja investigativa e criativa, que será associada a habilidade de se trabalhar em grupos que sejam multidisciplinares, proporcionando ao mesmo, em diferentes campos, o saber e o direcionar da sua prática pedagógica para a necessidade de cada grupo, em suas várias concepções de expressão de cultura do movimento, da Educação Física escolar e dos esportes.

A Educação Física é um ramo do conhecimento em que seu objeto de estudo é a aplicação do movimento em todas as suas manifestações, para que estas sejam do mais comum às mais complexas, por meio dos exercícios físicos, ginástica, jogos, lutas, dança, esporte, entre outras atividades. Os movimentos podem ter como objetivo um fim em si mesmo ou por meio deles revelar outras finalidades, que podem ser a prevenção e reabilitação de problemas de saúde, educação e reeducação motora, formação cultural, lazer e rendimento físico esportivo.

O profissional de Educação Física que seja possuidor de vários saberes, pode operar em várias práticas que sejam relacionadas a atividade física, recreativa e esportiva, colaborando para que os indivíduos que sejam atendidos por ele possam ser inseridos socialmente e venham melhorar suas condições físicas, aderindo uma vida mais saudável e ativa.

3.1 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM O ALUNO

São fundamentais as relações humanas no comportamento profissional do indivíduo. Dessa forma, o relacionamento entre professor e aluno envolve interesses objetivos. O professor escolhe os conteúdos didáticos que irão auxiliar na aprendizagem de seus alunos. Entretanto, o padrão de comportamento do professor

deve ser quebrado com base nos resultados para os alunos. Deve ser mais construtivo o processo de aprendizagem, visando superar as limitações do ensino que seja unilateral.

O professor de Educação Física deve criar oportunidade de debates para seus alunos, e fazer com que os conhecimentos deles sejam valorizados, pois eles também possuem conhecimentos sobre o assunto que está sendo tratado em aula. É necessário que seja estimulada uma educação que seja libertadora e promova um bom relacionamento entre professor e aluno, facilitando o aparecimento de atitudes que sejam criativas e que venha a inibir as atitudes que sejam individualistas. Sendo assim, deve ser superada a tendência que foi assumida pela Educação Física no decorrer da história, que era vista de uma maneira competitiva, onde eram desconsiderados os elementos de contradição, visando tornar padrão o comportamento dos alunos que fossem baseadas numa pedagogia técnica, onde o que predominava era a palavra do professor que fixava regras bem rígidas de ensino e o aluno era visto apenas como um colete de informações sem o direito de interagir com o processo educativo. Entretanto, é necessário que o conhecimento construído pelo aluno seja associado com a sua realidade pessoal e social. Apesar do conhecimento que é adquirido por meio dos livros esteja distante da realidade dos alunos o mesmo não pode ser completamente descartado, pois esse conhecimento será útil para ser questionado, ampliado e logo em seguida superado. É necessário que sejam conhecidas várias fontes de referências.

3.2 O BRINCAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física escola na educação infantil é transmitida através de atividades lúdicas, de jogos e brincadeiras que visam proporcionar as crianças uma qualidade de vida que seja adequada às suas necessidades físicas, mentais e ao seu desenvolvimento social, que irá colaborar para o bem-estar da criança ao longo de sua vida adulta. Ao brincar a criança pode estar contribuindo para a aquisição de qualidade de vida. Com base nos parâmetros curriculares:

As relações que se estabelecem entre Saúde e Educação Física são perceptíveis ao considerar-se a similaridade de objetos de conhecimento envolvidos e relevantes em ambas às abordagens. Dessa forma, a preocupação e a responsabilidade na valorização de conhecimentos relativos

à construção da auto-estima e da identidade pessoal, ao cuidado do corpo, à consecução de amplitudes gestuais, à valorização dos vínculos afetivos e a negociação de atitudes e todas as implicações relativas à saúde da coletividade, são compartilhadas e constituem um campo de interação na atuação escolar (BRASIL, 2001).

A atividade de brincar poder vim a satisfazer os desejos da brincadeira, seja no desenvolvimento de sua autoestima, de ordem afetiva ou na realização de seus objetivos. Com a pratica das atividades lúdicas, a criança vem a praticar sua capacidade para se relacionar com outros indivíduos “de aprender, de ganhar e de perder, de expressar suas vontades e seus desejos, de negociar, de pedir, de recusar, ela compreende que não é única e precisa relacionar-se com o grupo, respeitando regras e opiniões contrárias, enfim adquire afeição” (FERREIRA, 2005, p.1).

A brincadeira acaba por desafiar a criança, fazendo com que ela venha a atingir níveis de realizações maiores do que conseguiria normalmente. Com a brincadeira a criança educa sua sensibilidade para que assim venha apreciar seus esforços e tentativas, o prazer que a criança sente ao concluir tarefas, como montar um quebra cabeça, alcançar uma criança numa brincadeira, entre outros, são pequenas atividades que fazem com que a criança venha se sentir realizada quando a conquista.

Quando o profissional de Educação Física promove suas aulas para suas classes este precisa realizar um programa com atividades que sejam lúdicas e que envolvam brincadeiras e jogos em seu planejamento como meta, pois através do exercício de jogos e brincadeiras as crianças praticam suas atividades.

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA RELAÇÃO COM A CORPOREIDADE

O compromisso educativo da Educação Física está intrinsecamente ligado a corporeidade e movimento humano, é importante ainda salientar que na Educação Infantil a organização curricular apresenta especificas características. Sayão (2000) faz uma reflexão acerca da importância dos professores de educação física no ensino infantil:

Numa perspectiva de Educação Infantil que considera a criança como sujeito social que possui múltiplas dimensões e que estas, precisam ser evidenciadas nos espaços educativos voltados para a infância, as atividades ou os objetivos de trabalho não deveriam ser compartimentados em funções e/ou profissionais. A questão não está no fato de vários profissionais atuarem no currículo da educação infantil. O problema está nas concepções de

trabalho pedagógico destes/as profissionais que, geralmente, fragmentam as funções de uns e outros, isolando-se em seus próprios campos. (Sayão. 2000 p. 4)

Segundo a Autora na educação infantil a brincadeira, a comunicação e as diferentes linguagens da criança são muito importantes para se pensar quando se tem em mente o processo educativo, considerando a criança como um todo. Dessa forma, não é questão de ser designado um profissional específico ou um tempo específico para o brincar, o trabalhar a linguagem ou a interação com as outras crianças. A grande questão é a conscientização de todos os profissionais que venham atuar com as crianças, incorporando suas práticas e atividades que venham aumentar seus referenciais.

Destarte, não restam dúvidas de que independente da área de formação do professor, caso ele atue na educação infantil, a escola deve vim a contemplar a formação de seus alunos sob várias dimensões. Nesse processo de formação a brincadeira aparece como uma experiência importante, pois faz parte do universo infantil.

No que diz respeito a corporeidade, Ayoub (2001) afirma que a Educação Infantil é um momento pertinente para que a criança venha brincar usando toda sua linguagem corporal, alfabetizando-se dessa forma, para a autora:

Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da cultura corporal (entendida como as diferentes práticas corporais elaboradas pelos seres humanos ao longo da história, cujos significados foram sendo tecidos nos diversos contextos socioculturais), sobretudo aquelas relacionadas aos jogos e brincadeiras, as ginásticas, as danças e as atividades circenses, sempre tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na infância. (AYOUB, 2001 p. 57)

Vale ressaltar que nessa etapa da educação se recomenda que sejam trabalhadas várias linguagens dentro de uma perspectiva sistêmica, isso não quer dizer que cada linguagem não tenha um objetivo central definido. Segundo Freitas a Educação Física pelo fato de se encontrar na matriz curricular se pressupõe que tenha que ser ensinada (FREITAS, 2008). Com base na Autora, desde que a Educação Física passou a integrar a rotina das crianças nas escolas o que ela ensina e como é ensinada começou a sofrer modificações. Essas mudanças ocorrem por diferentes

razões, podendo ser tanto culturais como sociais, ou até mesmo por diferentes projetos pedagógicos construídos em diferentes épocas.

O saber específico da Educação física é pautado na cultura corporal do movimento. Nesta concepção “o movimentar-se é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora da cultura, mas também possibilitada por ela” (BRACH, 1996, p. 24). Para ele uma educação crítica no campo da Educação Física:

(...) teria igual preocupação com a educação estética, com a educação da sensibilidade, o que significa dizer, ‘incorporação’ não via discurso, e sim via ‘práticas corporais’ de normas e valores que orientam gostos, preferências, que junto com o entendimento racional determinam a relação dos indivíduos com o mundo. (Bracht, 1996, p. 27)

Freitas ao analisar essa questão da cultura corporal argumenta que a Educação Física possui várias informações que foram construídas ao longo da história e que vem a conferir um certo significado ao movimento. Para essa Autora “a dança, os jogos e as brincadeiras, os esportes, a ginástica e as lutas são fenômenos da cultura, ou seja, um conjunto de saberes construídos pela humanidade ao longo da história. As intencionalidades daqueles que os realizam é que conferem significado ao movimento” (FREITAS, 2008 p. 33).

Em sua atuação o professor deve ter o cuidado com o brincar. A escola deve ser mediada com os objetivos educacionais como qualquer outra disciplina da grade curricular. Dessa forma, ao ministrar sua aula o professor deve orientar suas atividades tendo como base os objetivos que visa alcançar.

Em relação ao seu papel pedagógico, a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvida, mas deve estar claro quais serão as consequências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo. Sem se tornar uma disciplina auxiliar de outras, a atividade de Educação Física precisa garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico-matemáticas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente. (FREIRE, 2010, p. 21)

O Autor afirma ainda que as atividades que sejam ligadas à corporeidade podem ser desenvolvidas sem que necessariamente tenham que passar apenas por atividades que sejam monótonas descritas nos livros didáticos para a disciplina da Educação Física. Segundo ele é triste que as atividades consideradas mais “antigas”

como amarelinha, cantigas de rodas e outras brincadeiras que antes faziam parte integralmente do universo infantil ao longo da história hoje já não estejam mais presentes nas aulas de Educação Física. Freire afirma que o docente deve aprender a trabalhar com os alimentos que são importantes e compõe a cultura:

(...) poderia garantir um bom desenvolvimento das habilidades motoras sem precisar impor as crianças uma linguagem corporal que lhes é estranha. Assim como linguagem verbal falada pela professora em sala de aula é, por vezes, incompatível para os alunos, também a linguagem corporal pode sê-lo se não se referir, de início, a cultura que é própria dos alunos. (FREIRE, 2010, p. 21)

Se o professor se utilizasse das atividades que já compõe a cultura infantil seria uma forma de facilitar seu papel como educador, considerando que por meio de sua natureza iria garantir o interesse das crianças e sua movimentação. Sendo assim, é necessário identificar nas crianças atividades que possam envolver toda sua expressão corporal e assim incorporar suas atividades escolares, além do que acaba que esta é uma eficiente estratégia metodológica, fazendo com que a cultura venha a fazer parte do cotidiano das crianças.

3.4 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO DISCIPLINA

Ao longo de sua história dentro da escola a educação física passou sempre por influencias de acordo com o período histórico, repassando em seus objetivos as influencias que sofria em suas ações pedagógicas. A Educação Física foi criada pela sociedade e até por vários professores, como meio de distração para as crianças, para que pudessem brincar e não um momento para estudar, analisar, pesquisar, avaliar e refletir.

Sendo assim, o termo Educação física era restrito apenas ao educador físico. E assim esse termo acaba por produzir uma alienação, reduzindo esse campo de conhecimento e fazendo com que esta não apresente significado na escola e na sociedade. Antigamente essa era uma área vista como uma Educação física focada apenas para o militarismo e higienismo, que controlavam e reduziam a importância da Educação Física.

Na década de 1980 que a Educação Física passou a sofrer grandes transformações, mas ainda assim lentas, onde deixou de ter sua temática pedagógica

reduzida apenas ao esporte e passou a agregar diversas demonstrações culturais como ginástica, dança, jogos e lutas. Buscando novos pontos de vista que fossem teóricos os professores da Educação Física aprofundaram e melhoraram seu embasamento teórico e científico através de cursos de pós-graduação. A partir dessa década o campo de Educação Física passou a integrar os debates pedagógicos que aconteciam, sendo grandemente influenciado pelas ciências humanas e sociologia e filosofia da educação.

Com o texto da Lei 9394/96 a Educação Física passa a fazer parte da grade curricular, deixando assim a ideia de que era apenas uma área para atividade. Com isso a disciplina passou a ser enfatizada como campo de conhecimento, apresentando conteúdos que deveriam ser ensinados e aprendidos na escola.

Essa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 foi um marco importante para a história da Educação Física que a partir de então veio a firmar-se como área de conhecimento e deixando o estigma de que a mesma servia apenas como atividade. Contudo, a mudança na legislação não adiantou para haver mudanças nos cursos para a formação de profissionais e nas ações destes. Foi necessário que houvesse a mudança de certos paradigmas e concepções que fossem consideradas ultrapassadas, para que assim ocorresse a legitimação da área onde a sociedade compreendesse e respeitasse a disciplina da educação física na escola.

Mais importante que caracterizar a Educação Física como uma disciplina da grade curricular dos alunos, é preciso que a mesma seja caracterizada como uma disciplina nas escolas e instituições, demonstrando sua importância na formação dos alunos e em seu dia a dia na escola.

Essa forma de legitimar a Educação Física na escola é responsabilidade dos professores por através de ações diárias, devendo reafirmar todos os dias que a Educação Física é uma disciplina indispensável e essencial, não perdendo sua obrigatoriedade, uma matéria que estuda o homem que se movimenta e suas diversas práticas corporais, para que assim possa falar e se expressar com os outros.

Diante disso, ao transmitir os assuntos da Educação Física, o docente deve possibilitar estratégias que venham contribuir para o aluno entender que é um indivíduo que atua na sociedade através do movimento.

A Educação Física traz como objetivo central de sua análise para a educação a pessoa que se movimenta. Mas não um movimento qualquer que já seja objeto de estudo

de outros ramos, a Educação Física cuida movimentos que sejam construídos e feitos apenas por humanos.

Sendo assim, a Educação Física aborda o movimento, um movimento que é realizado por humanos de uma forma consciente, ainda que não tenham conhecimento disso. Movimento que seja elaborado e pensado segundo a indispensabilidade estrutural e físicas de nossa evolução e cultura. Compreender o por que e como essa estrutura é formada e o que a Educação Física carrega para os estudos realizados dentro da escola.

A educação física como um ramo de estudo discorre acerca do sujeito que se move e quais suas intenções. Essa intenção é realizada por homens que pensam, que possuem próprias vontades e que se movimentam para fazer essas vontades próprias. A Educação Física auxilia na compreensão do corpo, ou seja, o que o corpo e o que se pode feito com ele. Auxilia a entender como uma pessoa que apenas se move porque quer. Movimento voluntário, que para ser feito são necessários vários acontecimentos. Para que esse movimento proposital seja feito é indispensável que o indivíduo compreenda o ambiente que se encontra, perceber para que serve e assim entrar no método de avaliação de suas possibilidades. Nessa situação, compreender qual o movimento que melhor se adapta em cada situação.

Esse movimento proposital acaba por se diferenciar do movimento automático, pois é fundamental que antes e durante sua execução haja vários conhecimentos que proporcione que o movimento seja realizado como intenciona.

É exemplo desse movimento proposital é o ato de chutar uma bola, para que seja feito tal movimento o indivíduo precisa entender o que vem a ser um chute, quais ações são necessárias para que seja realizado tal habilidade, quais as partes do seu corpo que estão envolvidos no movimento, saber o que é a bola e o que ela é capaz de realizar. Embora esses conhecimentos pareçam ser bem simples é preciso que seja feita uma reflexão e análise que estão subordinados a uma reelaboração frente a novas situações. Continuando a usar o exemplo de alguém chutando uma bola, caso seja uma pessoa que já chutou várias vezes e se ver diante de uma bola com peso e tamanho diferentes, o mesmo vai ter que se ajustar a essa nova situação, tendo em mente a quantidade de força que ele terá que usar e qual seria a melhor angulação do pé para que seu movimento tenha uma execução melhor. Em razão desse ser um conhecimento inacabado, esse é o resultado de reflexão e análise. Destarte, o ato de

chutar uma bola não pode ser visto apenas como física. Todas as ações motoras do dia a dia também não podem ser vistas apenas de um ponto de vista físico, tendo em mente que com exceção dos movimentos que sejam reflexos nenhum movimento é sem intenção.

Vale frisar que a ação física não tem uma maior e nem menor importância do que a ação de reflexo quando se faz um movimento. Ambos aspectos físicos e cognitivos andam lado a lado. O homem constantemente se reconstrói por meio de suas ideias, portanto, essas ideias só podem ser feitas por que existe um movimento motor que possibilita que essa ideia se concretize. Para Pereira (2006) isso é definido como desejo e a decisão.

Observa-se que temos aqui dois aspectos que merecem ser destacados: o desejo e a decisão. E serão estes a referência reguladora do poder de deliberar ou não, rumo a ação de se lançar e de se projectar em direcção a algo ou alguma coisa. Então, nesse sentido, concluímos que o ser humano, se ele quiser, pode manter-se nos domínios do idealismo centrado no eu penso, sem se deslocar para os das acções. Assim, eventualmente, podemos não nos libertar do horizonte idealista, permanecendo na intencionalidade pensante (PEREIRA, 2006, p. 114)

A Educação Física encontra-se na escola como uma maneira de se realizar conhecimentos relacionados ao movimento. Todavia, se o indivíduo se ater apenas a ideia de movimento puramente fácil não é capaz de exercer os objetivos educacionais que diz respeito a formação de um cidadão que seja consciente de suas ações e crítico, por isso é preciso que seja feito não um estudo do movimento, mas de um movimento que venha a ser deliberado. Um movimento que haja reflexo e analise antes mesmo que seja realizado e por essa razão se justifica dentro do sistema de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo buscou-se encontrar o sentido ontológico da Educação Física, buscando descrever como ela se manifesta no dia a dia social e escolar do aluno. Tendo em vista sua natureza complexa, conflitante, contraditória e inacabada essa prática precisa ser constantemente analisada e revista com base no conhecimento científico e filosófico em sua constante busca de transformação crítica.

É imprescindível que a comunidade compreenda a função da Educação Física na escola, de uma forma harmoniosa e que englobe seu grande ramo de conhecimentos. Muitas pessoas ao serem questionadas acerca da importância da Educação Física dizem que é indispensável, mas não possuem argumentos que sustente a matéria como uma área de conhecimento. Essas alegações variam entre as atividades físicas que são realizadas, atividades recreativas, atividades para desenvolvimento motor, atividades esportivas, e a promoção da saúde.

A Educação Física por ser uma área de conhecimento deve primeiramente ter um conhecimento a ser estudado. Dessa forma esse conhecimento precisa ser ensinado em todas as séries da educação, contribuindo para a vida cotidiana do indivíduo através dos saberes pertinentes a área.

Destarte, tendo em vista toda essa extensão, não cabe apenas a Educação Física escola efetuar tarefas apenas recreativas ou esportivas e que tampouco proporcione o crescimento motor que é tão enfatizada por aqueles que defendem a educação física na escola. Mas sim, é necessário compreender que a Educação Física é um ramo de conhecimento.

Tendo em vista que as matérias que compõe a grade curricular dos alunos devem sempre se preocupar com a formação do cidadão de maneira integral em suas dimensões pessoais, profissionais e sociais, pode ser estabelecido que os professores de Educação Física devem operar no contexto educacional com base nos conteúdos de sua própria área.

No sistema capitalista que visa a preparação da criança para o mercado de trabalho, também são necessários que valores morais não sejam deixados de lado, assim como valores sociais que englobam a cultura e o ideal para que seja um indivíduo atuante na sociedade. Dessa forma, as disciplinas na escola devem girar em torno desse preparo do indivíduo. O que torna a Educação Física primordial para esse

indivíduo e o que ela venha a contribuir no cotidiano desse sujeito é a peça central para que essa área seja legitimada de fato na escola.

A Educação Física escolar nada mais é que um campo de análise, reflexão e construção de conhecimentos que sejam relacionados ao corpo que está em movimento e como esse corpo se constitui na sociedade. Sendo assim, é nosso papel da raça humana, que somos possuidores de capacidade de ação e reflexão, ao mesmo tempo chamado movimento, produzir uma história através da nossa autonomia e nossa liberdade de agir e pensar.

A criança que vai para a escola é um sujeito que está inserido na sociedade em seu contexto histórico e cultural, sendo assim, traz uma bagagem de conhecimento com ele, sobretudo sobre as práticas corporais que precisam ser valorizadas. Sob essa perspectiva o diálogo com a escola precisa ter como objetivo a realidade da criança e fará com que o processo de aprendizagem tenha muito mais significado. É nessa relação que a escola oferece e ainda na realidade da criança que se torna possível a formação do indivíduo, para que assim ele venha saber atuar no meio social que está.

No universo do aprendizado a brincadeira tem um espaço que é deveras privilegiado no que diz a sua forma de manifestação da relação da criança para com o mundo. É um aspecto necessário para a escola se apropriar dessa maneira de se relacionar com o mundo e dá a essa relação um significado para a prática escolar. As brincadeiras nada mais são que manifestações culturais que são criadas e selecionadas naturalmente no seio da sociedade e perduram até os dias atuais, uma forma de ação que tem uma alta aceitação exatamente porque faz parte do universo infantil de uma forma bem natural e corriqueira.

Quanto a corporeidade ela é vista como várias formas de se trabalhar o desenvolvimento das crianças, usando métodos bastante lúdicos. Em especial na educação infantil não se tem ainda a preocupação em formar profissionais para áreas determinadas, podendo assim ser utilizado a dança, o esporte, a ginástica, luta, ou qualquer outra. O objetivo é mostrar a existência de todas essas manifestações culturais de uma maneira desembaraçada e descontraída dentro do universo escolar, tendo em vista a consciência corporal da criança.

Tradicionalmente a Educação Física tem se dedicado ao trabalho corporal, assumindo várias formas de pensar neste corpo ao longo da história. Nos dias atuais

surgem uma grande discussão envolta da ideia do que vem a ser cultura corporal. Com essa visão a escola possui como papel propiciar a criança uma forma de vivenciar experiências corporais, para que assim ela venha atuar no mundo usando tudo que sua corporeidade tem a oferecer.

REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre educação física na educação infantil. **Rev. Paul. Educ. Fis.** São Paulo, Supl. 4. p. 53-60, 2001. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v15%20supl4%20artigo6.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. & ZULIANI, R.L. **Educação Física Escolar: Uma proposta de Diretrizes Pedagógicas**. Revista Mackenzi de Educação Física e Esporte – I (I): 73-81, 2002.

BORGES, Célio José. **Educação física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: sprit, 6^o edição, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. M3. ed. Brasília: 2001.

BRACKT, Valter. Educação Física no 1^o Grau: Conhecimento e Especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fis.** São Paulo, Supl. 2 p. 23-28, 1996.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, agosto, 1999.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. 225 p.;

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. A esportivização da educação física no século do espetáculo: reflexões historiográficas. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 29, p. 215-232, mar. 2008;

DAÒLIO, Jocimar. **A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira**. Revista Brasileira das Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n.1, p. 115-127, set. 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.

DARIDO, Suraya. C.; SANCHES NETO, Luiz. O contexto da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1 - 24.

DARIDO, Suraya Cristina; BETTI, Mauro. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 91 p.;

FERREIRA, Heraldo Simões. **Brincar na educação física com qualidade de vida!**. 2005. Disponível em: <<http://cdof.com.br/recrea16.htm>> . Acesso em 15 out. 2017.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora. **Na escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 109 p.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

FREITAS, Amanda Fonseca Soares. **Corpo Movimento e linguagem: Em busca de conhecimento na escola de educação infantil**. 2008. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_FreitasAF_1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

GALVÃO, In DARIDO, S.; RANGEL, I. C. A. e - **Educação Física na escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GARIGLIO, J. A. **Professores de educação física de uma escola profissionalizante e sua cultura docente: as interconexões entre os saberes da base profissional e o campo disciplinar**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 9, n.2: 249-266, jul/dez. 2006.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005. 421 p.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. Referencial Curricular de educação física. In: RIO GRANDE SO SUL. Secretaria de Estado da educação . Departamento Pedagógico (Org.). **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias: arte e educação física**. Porto Alegre: SE/DP, 2009

GUIRALDELLI Jr, Paulo. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HUBERMAN, M.. **O ciclo de Vida profissional dos Professores** – In NÓVOA, António (Org) Vidas de professores. Porto Editora, LTDA Porto - Portugal, 2ª ed. 2000. (Coleção Ciências da Educação).

MARCONI, M. D; LAKATOS, E. M. **Fundamento de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

MARINHO, Inezil P. **Educação Física, Recreação, Jogos**. 2ª ed. São Paulo: Cia Brasil, 1971.

MATTA, Dinalba Ferreira Da. **A educação física no Brasil: com uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais**. Lato & Sensus, Belém, v. 2, n. 3, p. 30, jul. 2001;

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas: Papirus. 1987.

MOURA, Marcilene. Educação Física no Brasil: uma história política. **Webartigos**, 12 dez. 2007. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/3097/3/Educacao-Fisica-No-Brasil-Uma-Historia-Politica/pagina3.html>. Acesso em: 10 agos. 2017;

PAIVA, Fernanda Simone Lopes. **Notas para pensar a educação física a partir do conceito de campo**. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 51-82, jul. /dez. 2004.

PALMA, Â. P. T. V. ; PALMA, J. A. V. . **O ensino da educação física**: princípios fundamentais para uma relação pedagógica construtivista na educação infantil e ensino fundamental. Fiep Bulletin, Brasil, v. 75, n. Special Ed, p. 91-94, 2005.

PEREIRA, Maria Goretti Ramos. **A motivação de adolescentes para a prática da Educação Física**: uma análise comparativa de instituição pública e privada. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006;

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982.

SANTIN, S. Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST/ESEF-UFRGS, 1996.

SAVIANI, Dermeval. Análise crítica da organização escolar brasileira através das leis 5.540/68 e 5.692/71. In: GARCIA, Walter E. **Educação brasileira contemporânea**: organização e funcionamento. São Paulo: McGraw- Hill, 1976.

SAYÃO, Débora Thomé. **Infância, Educação Física e Educação Infantil**. 2000. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/dborahfln.rtf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

SCHWARCZ, Lílian Moritz. **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994. 167p.

SOARES, Carmem. L.; TAFFAREL, Celi N. Z.; VARJAR, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli O.; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002

VAGO, Tarcísio Mauro. **Início e fim do século xxi**: maneira de fazer educação física na escola. Cadernos Cedes. São Paulo, ano XIX, n. 48, p. 3051, ago. 1999.

